

*A EPISTEMOLOGIA DO ROMANCE “O CORONEL  
SANGRADO”, DE INGLEZ DE SOUZA:  
UMA NARRATIVA DA VIDA CULTURAL AMAZÔNIDA*

*THE EPISTEMOLOGY OF ROMANCE “COLONEL  
SANGRADO”, BY INGLEZ DE SOUZA:  
A NARRATIVE OF THE AMAZONIAN CULTURAL LIFE*

Francenilce Silva de Paula Neves 

[nilce.ufopa@gmail.com](mailto:nilce.ufopa@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0002-8275-3932>  
Universidade Federal do Oeste do Pará

Itamar Rodrigues Paulino 

[itasophos@gmail.com](mailto:itasophos@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0001-5058-8998>

Doutor em Teorias Literárias pela Universidade de Brasília. Docente do Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida, da Universidade Federal do Oeste do Pará. Coordenador do Programa de Pesquisas e Extensão Cultura, Identidade e Memória na Amazônia (IFII/Ufopa).

Resumo/Abstract

Palavras-chave/Keywords

Este artigo apresenta investigação epistemológica de um romance amazônida, com olhares culturais, literários e filosóficos sobre a condição humana de ser e viver nas décadas finais do século XIX. Sob as coordenadas do método serio *ludere*, a investigação destaca os conflitos culturais como eixo epistemológico para o estudo de ‘O Coronel Sangrado’, do escritor obidense Inglez de Souza. A epistemologia do romance O Coronel Sangrado é uma proposta interdisciplinar de estudos literários e culturais

Epistemologia; Romance; Literatura; Cultura; Amazônia.

This article presents an epistemological investigation of an Amazonian romance in cultural, literary and philosophical perspectives on the human condition of being and living in the final decades of the 19th century. The investigation highlights cultural conflicts under the coordinates of the serio *ludere* method, as an epistemological axis for the study of ‘Colonel Sangrado’, written by Inglez de Souza, from Obidos city. The epistemology of Romance of Colonel Sangrado is an interdisciplinary proposal of literary and cultural studies.

Epistemology; Romance; Literature; Culture; Amazon.



Dossiê

**Epistemologia do romance:  
diálogos e aproximações teóricas**

Organizadores:

Profa. Dra. Ana Paula A. Caixeta



Profa. Dra. Maria V. Barroso



Prof. Dr. Itamar R. Paulino



v. 32, n. 63, dezembro, 2023

Brasília, DF  
ISSN 1982-9701



Fluxo da Submissão

Submetido em: 27/04/2023

Aprovado em: 11/07/2023

Distribuído sob



## Introdução

Nossa proposta de estudo está relacionada ao discurso literário de Inglez de Souza, especificamente em seu romance “O Coronel Sangrado”, escrito no final século XIX. O enfoque de nosso artigo é investigar a condição amazônida de ser e viver por meio de uma engenharia de escrita realizada pelo próprio autor. Nosso objetivo é apresentar uma análise Epistemológica do romance, por meio do método *Serio ludere*, um mecanismo de decomposição textual que possibilita encontrar um eixo norteador que perpassa toda a obra. É por meio desta engenharia de escrita de Inglez de Souza, que podemos discutir a proposta de Souza de se utilizar em sua prosa ficcional dos trejeitos culturais de seus personagens para enveredar no escopo da vida do povo da Amazônia, e sua peculiar relação com a floresta, forjando uma possível condição humana amazônida de ser entrelaçada de culturas.

Apreendido a partir da decomposição textual por meio do método *serio ludere*, a episteme *cultura* é apresentada na narração, quando o escritor foca as relações entre culturas matutas e civilizadas, ou culturas interioranas em relação a culturas urbanas, entre a proposta europeia de cultura ‘civilizada’ evidenciada pela educação portuguesa de Belém, a capital paraense, e o fazer cultural matuto das vilas e pequenas cidades no interior da Amazônia demonstrada pela narração do cotidiano na cidade de Óbidos.

‘O Coronel Sangrado’ é, pois um romance de época que apresenta as convicções do autor sobre cultura e defende a tese da representação das condições sociais da região amazônica, geograficamente regionais e literariamente universais, fatores determinantes na autonomia literária brasileira, o que torna o texto uma peça singular. O romance de Souza não é um simples relato paisagístico regional, pois a definição social das personagens possibilita uma leitura de cenas universalizantes, provocando no leitor reinterpretação de narrativas amazônidas contidas no enredo textual como formas de se apresentar o trejeito cultural ‘matuto’ de ser

na Amazônia em diálogos e conflitos com o jeito ‘civilizado’ de ser na Amazônia.

Neste sentido, nosso estudo se mostra relevante para a sociedade, pois investigar questões de cultura na região do Baixo Amazonas nos permite contribuir com a formação de cidadãos conscientes, sensíveis e aptos no entendimento de sua condição amazônida de ser e viver, e na busca por melhorar seu modo de lidar individual e coletivamente com a vida em um ambiente que somente se sustenta a partir da lógica da floresta.

Importa nisso evidenciar os escritos Inglezianos, partindo da perspectiva de que seus romances nos fornecem fontes históricas dos acontecimentos rotineiros do século XIX, na região Amazônica, mais especificamente Óbidos, lugar onde se concentra boa parte de suas narrativas, cujas consequências perpassam o século XX até chegar os tempos atuais. ‘O Coronel Sangrado’ compõe a grande obra *Cenas da Vida Amazônica*, de Inglez de Souza, e pavimenta escritos literários nacionais de cunho regionalista. Desde então, a Amazônia passou a ser vista pelo mundo a partir do olhar literário de quem nasceu e viveu sob a influência da floresta.

## Traços conceituais para uma epistemologia do romance ‘O Coronel Sangrado’

‘O Coronel Sangrado’, do escritor obidense Inglez de Souza, escrito em 1877, é um romance que nos dá possibilidades de conhecimento do jeito cultural de ser amazônida nos finais do século dezanove. É um texto com estruturas de entendimento que nos permite qualificá-lo como um romance que pensa, para utilizarmos o termo de Milan Kundera (1988), ou ao menos que nos dê condições para pensarmos a partir de seu enredo a existência humana. Numa perspectiva epistemológica, ressaltamos que o texto literário não se resume a um mero agregado de elementos dependentes e interligado por uma lógica mecanicista, desconsiderando fatores históricos e existenciais (PAULINO,

2006), senão uma proposta de narração dotada de condições estruturais que, regida por eixos de entendimento, agrega história e estética em sua arquitetura.

No caso de ‘O Coronel Sangrado’ de Souza, a agregação da história e da estética no exercício epistemológico de análise auxilia decisivamente na busca por um conceito invariante existente na obra, que funciona como se fosse um pêndulo ao longo do enredo e assume caráter de *episteme*, evidenciando suas internalidades e o processo de elaboração da teoria que prescreve sua existência, bem como dos procedimentos formais contidos no processo da criação literária, nas suas condições genéticas e na história de sua constituição (BARROSO, 2003; PAULINO, 2021). Essa busca no romance de Souza resulta na apreensão das dinâmicas culturais amazônidas como aspectos elucidativos do enredo das cenas narradas em ‘O Coronel Sangrado’.

Importa, neste sentido, explicitar os critérios formais e os elementos constituintes das opções estéticas do autor estudado, já que uma investigação que decodifique aspectos formais da obra literária é fundamental, pois nos ajuda a desvendar cognitivamente o que está fixado em sua composição. Não que estejamos intencionados a buscar uma verdade incondicional contida no texto, mas que a partir da epistemologia do romance possamos encontrar um eixo invariante que nos lance para um pensamento plausível sobre a existência humana no espaço amazônico.

Nossa percepção, em conformidade com Barroso (2003), é que as configurações epistêmicas de um romance são desenvolvidas a partir de uma engenharia literária que tem como fator principal a sensibilidade e o gesto estético do autor para apresentar ao leitor, ou não, uma tese que faça de seu romance uma obra que pensa. Contudo para que possamos definir que um determinado romance metaforicamente pensa, é necessário fazermos uso de um método que permita a apreensão do conceito invariante, o *serio ludere*, cuja aplicabilidade será desenvolvida a seguir.

### Investigação epistemológica de ‘O Coronel Sangrado’ por meio do método *Serio Ludere*

A atividade epistemológica do romance se processa por meio de uma composição metodológica denominada de *serio ludere*, expressão concebida por Barroso (2003) para definir a atividade filosófica da busca de regularidades e possibilidades epistêmicas em uma obra romanesca, ou seja, uma atividade que esmiúça a engenharia do romance em busca de elementos formais, e entre eles, a *episteme* axial, que permitam o afloramento de conhecimentos acerca de dada realidade. *Serio ludere* seria “um gesto epistemológico voltado ao texto literário que faz com que se entre na estrutura íntima do romance, decompondo-o, procurando regularidades, procedimentos formais, em suma, um fundamento ou princípio geral” (BARROSO, 2003, p. 4), ou seja, praticar o *serio ludere* seria desenvolver uma atividade de decomposição de uma obra, a fim de encontrar na sua internalidade uma questão axial, um termo cognitivo que serve de eixo norteador e acesso às propostas de reflexão e conhecimento do autor (PAULINO, 2021). Nesse caso, o estudo do objeto da epistemologia do romance deve ser distinto do objeto do romance, como expõe Barroso:

O objeto do romance é distinto do objeto da epistemologia do romance; o primeiro contribui com a criação, execução e divulgação do romance, com a coisificação do romance; enquanto o segundo só pode dar a sua contribuição após a efetivação do primeiro, já que o objetivo declarado, a vocação da epistemologia, Filosofia e História, do romance é a de esclarecer as etapas da genética literária do texto. (BARROSO, 2003, p. 6).

Tão importante quanto compreender o enredo do romance é o entendimento de sua gênese e constituição. Por isso, concentraremos nossa investigação nos resultados da decomposição textual de O Coronel Sangrado a partir do método *serio ludere*. Assim, a experiência de In-

glez de Souza no ato da escrita, tão próprio e particular a ele, parece exigir que a configuração de sua narração tenha estatuto cognitivo válido e necessário. Numa perspectiva epistemológica do romance, podemos afirmar que Souza reivindica no ato de sua criação a responsabilidade de apresentar elementos cognitivos sobre a realidade natural da Amazônia, por meio de sensibilidade estética própria.

A decomposição epistemológica do romance ‘O Coronel Sangrado’ permitiu identificar o movimento estético do autor em direção à justificação do substantivo “cultura” como conceito invariante e balizador da obra investigada. Por sua função epistemológica, esse conceito possibilita o surgimento de outros conhecimentos no desenrolar dos papéis do narrador-comentador, dos sujeitos personagens e das racionalidades e irracionalidades contidas nos eventos narrados. Essa decomposição nos permite também atestar a organização do texto em vinte e seis capítulos, com uma narrativa que nasce da intensa sensibilidade do autor sobre uma época e desemboca numa defesa da vida “matuta” obidense em contraponto ao mundo da “civildade” belenense.

Ao que nos parece, o romance foi desenhado em torno de três pontos fundamentais que dão sustentação ao conceito *cultura amazônida* do século XIX como eixo epistemológico, a saber: i) Vida do Amazônida em Óbidos, século XIX: cultura e sociabilidade matuta [Capítulos I; II; III; IV; V; VI]; ii) Vida no Paranameri: evidenciação do jeito matuto de ser Amazônida [Capítulos VII; VIII; XII; XIII; XIV; XV]; iii) Eleições em Óbidos: da traição à morte de Coronel Sangrado e o jeito matuto de Miguel como vértice na finalização do romance [Capítulos: IX; X; XI; XVI; XVII; XVIII; XIX; XX; XXI; XXII; XXIII; XXIV; XXV; XXVI]. Notemos que a engenharia desenvolvida por Souza em seu romance estabelece três elementos fundantes didaticamente decompostos e descritos que convergem a um mote principal que é a cultura e do qual passaremos agora a expô-lo, abstraindo vários aspectos dispostos na obra sobre a cultura Amazônida no século XIX.

### Vida do amazônida em Óbidos, século XIX: cultura e sociabilidade matuta

Diversas são as narrações no romance de Souza que apresentam a vida do amazônida na região oeste paraense do século XIX. As vozes de narrador e personagens, e os eventos desenvolvidos ao longo da narração evidenciam e valorizam os jeitos e trejeitos culturais do matuto amazônico e sua condição de pessoas com uma sociabilidade bastante forte. Essa sociabilidade costuma ser expressa na forma de acolhida e senso hospitaleiro, na valorização dos espaços coletivos que servem de lugar de convivência e diálogos amistosos. ‘O Coronel Sangrado’ oferece ao leitor a experiência contemplativa dos espaços matutos, salientando que eles são mais complexos do que a lógica economicista que se costuma cogitar nessas situações (PAULINO; FIUZA; PAULA, 2021).

Para além das relações comerciais, esses espaços são narrados como lugares de convívio, presença coletiva e pessoal, ambiente informal, confiança, vínculo territorial, partilha de saberes, valorização cultural, entre outros modos de manter as relações sociais avivadas. Para confirmar essa nossa percepção, citemos o caso das boticas como espaço de convívio, das mexericagens interioranas na vida dos outros, o hábito de apelidar uma pessoa a partir de algum evento ocorrido com ela, a vida da econômica, cultural e social da cidade tendo por base a plantação de cacau, a vida familiar, a prática da medicina popular e a exaltação da vida matuta, interiorana e adaptada à floresta, que também tem seus dramas amorosos e idiossincráticos.

As Boticas ou farmácias populares eram estabelecimentos que serviam de ponto de encontro dos moradores de Óbidos no século XIX, constantemente interessados em saber das últimas notícias daquele lugar. As boticas como estabelecimentos sociais podem ser considerados como *shopping centers* da era moderna, onde tudo se dispunha e se encontrava. Nesse recinto, os obidenses encontravam distrações para

suas conversas, convívio social, e até mesmo lugar de mexericagens, além de servir de estabelecimento de comércio de comida, bebida e remédios.

A “botica servia de ponto obrigatório de reunião e palestra às pessoas mais importantes da terra, qualquer que fosse o partido político a que pertencessem” (SOUZA, 1968, p. 11), sendo lugar das mais intensas e calorosas discussões. É também no espaço da botica que o narrador apresenta o Coronel Severino de Paiva cujo apelido deu nome ao romance, *O Coronel Sangrado*, pois ele havia elegido a sangria como fármaco universal. Isto se deu porque toda vez que o coronel visitava a Botica do Anselmo, receitava a sangria como solução a toda e qualquer doença. Segundo o narrador ingleziano, a botica era também ponto obrigatório e propício para reuniões e ‘fococas’ da vida alheia e da politicagem em Óbidos, principalmente em tempos de eleições, representando o lugar de socialização dos acontecimentos particulares. As boticas e os boticários:

Eram naqueles tempos, de um passado não muito remoto, a cidade sem clubes sociais, a porta da farmácia era um ponto de reunião nas primeiras horas da noite. Ali se encontravam não somente os médicos, como também as pessoas importantes da cidade; bebericam um gole de licor de pequi, ou de jenipapo, vinho de Málaga ou mesmo elixir de Garus, e dissecavam os assuntos da cidade, do estado, do país e do mundo. (PAULA, 1982, p. 37).

Outro aspecto era o comportamento do povo no interior da Amazônia, caracterizado pela não distinção entre o que era público e o que pertencia ao privado. Neste sentido, saber da vida do outro em pequenas cidades do interior do Amazonas era algo estabelecido como comportamento cultural. Segundo o narrador ingleziano, “ocultar aos olhos de todos a sua vida íntima, é coisa difícil numa pequena povoação, onde a maledicência é a única distração, é uma coisa estabelecida” (SOUZA, 1968, p. 11).

Ainda outro aspecto da cultura matuta apresentada pelo narrador ingleziano é a afirmação de Óbidos como terra dos apelidos. Foi assim que o tenente coronel Severino de Paiva ficou conhecido pelo apelido de Coronel Sangrado. Isso pode ser observado no próprio texto de Inglez de Souza:

Óbidos é a terra dos apelidos. Não há homem importante do lugar que não tenha a sua alcunha, sendo que é mais conhecido por ela do que pelo nome próprio. E se algum gaiato lembra-se de dar a uma pessoa um nome qualquer esse nome perpetua-se e o desgraçado nunca mais se pode livrar dele (SOUZA, 1968, p.19).

O apelido seria uma espécie de identidade coletiva cultural dada pela própria comunidade e aceito pelos indivíduos amazônidas que o carregariam por toda sua vida. Sendo estes “explicados através de uma história pessoal ou um evento engraçado ou satírico envolvendo a pessoa” (LIMA, 1999, p.24).

São também citados pelo narrador os arranjos da sociedade cacauera de Óbidos, de estrutura patriarcal, cujo casamento se configura como aliança de poder e de ascensão social, econômica e política. Esse aspecto é perceptível na figura do personagem Sangrado, que vê em Miguel a solução matrimonial para sua filha Mariquinha, e a pessoa ideal para fazer política e representar junto à cidade seus interesses pessoais, pois Miguel era visto pelo coronel como rapaz civilizado, e que “lhe veio muito recomendado da capital” (SOUZA, 1968, p.14). Produto de sustento de Óbidos, a plantação cacauera era um tipo de economia de subsistência da cidade e constituía para os fazendeiros fonte de provento necessário ao investimento na ascensão social, política e econômica pessoal (PAULINO; FIUZA; PAULA, 2021).

O naturalista Henri Walter Bates, em viagem a Óbidos no século XIX, destacou que “a maioria dos moradores de Óbidos são proprietários de fazendas de cacau situadas em terras baixas das vizinhanças” (BATES, 1979, p. 102).

Não por acaso, Souza também considerava a cultura do cacau como uma das mais fortes fontes de economia em terras obidenses. Seu narrador destaca essa condição quando descreve o tenente Ribeiro e seu desejo “de viver só no meu sítio, com os meus cacauais (...) tranquilo, descansado, feliz”. (SOUZA, 1968, p. 149).

Outro ponto a se destacar pelo narrador ingleziano sobre a vida matuta é o estilo de casas de Óbidos e o convívio familiar. As casas eram habitações cômodas, desafogadas e despidas do luxo da capital. Segundo o narrador, era costume em Óbidos que os moradores sentassem em frente a suas casas ao cair do sol para tomar ar fresco e interpelar pessoas que passavam por ali, conhecidas ou não. O narrador comenta ser costume deixar portas de casas abertas e à vista de todos. Nota-se no romance esse aspecto cultural quando é evidenciado na voz do narrador hábito cultural peculiar ao povo obidense:

As portas constantemente abertas deixava ver todo interior da casa, via-se da rua a sala em que estava a rede de Severino, no meio de paneiros de farinha, de cestos de laranja, de cachos de bananas e de gaiolas de papagaios. A qualquer hora que se passasse pela sua casa, via-se o nosso homem deitado na rede, fumando num grande cachimbo de taquari [...]. Por isso, nada se passava na casa do coronel sangrado que não se soubesse logo em toda cidade. A sua vida íntima estava exposta aos olhos de todos, indiferentes e curiosos. Era o coronel do número desses homens que julgavam interessarem a todas as pessoas os seus negócios. Cuidava que a cidade andava ansiosa por saber o que lhe ia em casa; por isso aquele viver assim à vista de todos, que só pode admirar àqueles que não conhecem a vida da gente do Amazonas. (SOUZA, 1968, p. 27-28).

Essa narrativa também coincide com a descrição de Henry Bates:

Eles têm um estilo de vida livre, público e sem formalidade, ao qual o europeu leva algum tempo a se adaptar. Tão logo nos instalamos em nosso quarto, um bando de rapazes ociosos veio ver-nos, fazendo comentários e todo tipo de perguntas, que nos víamos forçados a responder. As casas são mantidas com suas janelas e portas abertas para rua, e as pessoas entram e saem delas à vontade [...]. Essa familiaridade do povo não é intencionalmente ofensiva, sendo o intuito das pessoas unicamente mostrar que são corteses e sociáveis. (BATES, 1979, p. 58).

Devido a esse estilo de vida amazônico, aberto e pouco alheio à privacidade, é que a intimidade das residências nas cidades do interior da Amazônia estava a serviço de olhares dos que ali viviam, sem que por isso as pessoas se incomodassem com esse jeito de ser. Mesmo porque em lugares pequenos como o interior era praticamente impossível que todos não soubessem o que se passava na vida de todos, o que se era ainda mais pertinente à intromissão na vida alheia. Nesse sentido, qualquer episódio infrequente nesses lugares era pretexto para comentários, boatos e curiosidades da população. O narrador ingleziano evidencia a atitude matuta:

Nos primeiros dias da chegada de Miguel Faria a Obidos não se ocupava a gente da terra senão nele. A casa do coronel estava cercada noite e dia de moleques e negros que vinham por ordem de senhores espiar o que dentro se passava, a ver se era possível colher alguma coisa de novo sobre o interessante personagem. Tomava-se notas de todos os seus gestos, de todas as suas palavras. (SOUZA, 1968, p.41)

Outro traço narrativo do romance é a prática cultural de conhecimento de remédios em contraponto com a institucionalização da medicina, reflexo do processo de industrialização por qual o país passava nos finais do século XIX, quando o saneamento básico e a medicina constituíam discurso para o desenvolvimento dos centros urbanos. Esse contraponto é recor-

rente no personagem Coronel Sangrado, quando o narrador discorre sobre o interesse de Sangrado por homeopatia, “não ouvia narrar um caso de moléstia que não ensinasse uma dose” (SOUZA, 1968, p. 19). Essas práticas culturais populares de curas relacionadas à homeopatia se configuram até hoje como fontes de cuidados com a saúde em diversas partes da região amazônica. Essa relação com plantas e ervas é fruto de aprendizados passados de geração a geração e compõe a riqueza da sabedoria popular dos povos da região.

Outro aspecto da narrativa ingleziana gira em torno do enredo de amor entre os personagens Miguel e Rita e uma possível triangulação amorosa com Mariquinha, incentivada por seu pai, o Coronel Sangrado. Há no enredo um nítido debate sobre o comportamento de moradores de cidades interioranas em relação à capital. Inglez de Souza oferece um gesto estético ao leitor para que este mergulhe no romance de forma desprendida para assimilar questões sobre a cultura dos amazônidas de Óbidos e sua condição de ser e viver, em contraponto com o que estava sendo imposto na época como modelo cultural citadino centrado no padrão europeu e propagado a partir da capital paraense.

Em ‘O Coronel Sangrado’, Souza analisa a vida da cidade (civilizada) e a vida rural (matuta), tendo no primeiro o modelo iluminista do século XVIII e no segundo as práticas socioculturais do matuto da Amazônia, e provoca uma tessitura dos modos de vida rurais e urbanos. O autor retrata a vida do protagonista Miguel e suas transformações quando morou na capital Belém. Segundo o narrador, seus refinados hábitos e trajes citadinos pareciam fazer dele um ser superior aos matutos. Pode-se notar esse entendimento quando a narração apresenta que para os moradores de Óbidos, principalmente os que moravam na região do Paranameri, era sensato considerar Miguel superior aos matutos por seus hábitos ditos civilizados, por ter morado na capital.

Há, assim, um debate narrativo sobre elementos rurais e urbanos, evidenciando o

preconceito social da época fundado na ideia de que a civilidade estava atrelada aos valores e comportamentos da cidade e seu refinamento cultural, contrapondo a um estereótipo do matuto amazônida como “vindo do Mato”, com comportamentos presos ao atraso, à ignorância e à falta de instrução. Assim, o romance de Inglez de Souza paira sobre o discurso da dualidade entre cidade e interior, servindo de crítica do momento em que o Brasil urbano protagonizava seu progresso e desenvolvimento e marginalizava o interior que, para a cidade, representava o mundo ignorante e incivilizado.

‘O Coronel Sangrado’ evidencia um povo diverso, com características e trejeitos próprios, habituados ao ritmo de vida na floresta amazônica, e que diferentemente do conceito de hierarquização cultural já se constituía, segundo Souza, não menos civilizado, pois apresentava sua cultura com nuances de um povo plural, o que factualmente era reflexo de sua identidade diversa.

Há também aspectos comportamentais de Mariquinha que, no encontro com Miguel, afirmou sentir por ele um amor estranhamente diferente, reconhecido no trato com que Miguel a aborda. A atitude delicada do protagonista era algo que Mariquinha não encontrava nos moradores de sua cidade, uma educação vista como perfeita porque civilizada e refinada. Nesse sentido, o narrador afirma:

Mostrava delicadeza no trato, certa urbanidade nos modos que a moça não estava acostumada a encontrar na gente da terra e que de súbito impressionou-a. Se as maneiras de Miguel Fernandes eram frias, revelavam ao menos uma educação perfeita. Mariquinha descobriu nele um igual, pressentiu-o superior à gente com que estava acostumada a lidar, e sentiu atraída para ele por uma simpatia rápida. (SOUZA, 1968, p. 37).

Na narrativa do comportamento de Mariquinha há uma concepção iluminista de que cultura é o refinamento de costumes, a ideia de

progresso, evolução e educação. Por um momento, o leitor é convencido de que as atitudes de Miguel e o amor assumido de Mariquinha parecem esteticamente justificados na obra, por considerar válida a condição superior e evoluída de uma pessoa urbana em relação à pessoa matuta. Porém, a conduta de Mariquinha em relação a Miguel não se configura como termômetro para se elevar um sujeito ao nível de civilidade e outro ao nível de matutice, pois valores humanos não podem ser medidos por critérios estereotipados e preconizados pela “ditadura cultural” de civilidade burguesa no século XIX no Brasil. Nota-se que ao final do romance, Mariquinha no seu ritual de nivelar-se ao refinamento de Miguel se revelou inútil na conquista. Por outro lado, Rita na sua simplicidade matuta é premiada pela conquista de Miguel, que abdica sua formação refinada para viver o romance que sempre desejou na vida, aquele que nasce e se eterniza no ambiente da floresta amazônica.

### **Vida no Paranameri: evidenciação do jeito matuto de ser Amazônica**

O Paranameri, segundo nos relata Souza em *O Cacaulista* (1876), não é uma ilha a parte, mas concentrada no mesmo Amazonas. O Paranameri é um furo ou uma porção de terra (ou torrão) cercada por águas. No município de Óbidos há dois paranás principais. O primeiro é conhecido atualmente como Paraná de Baixo, e abrange comunidades como Januária e Canto do Rio. O segundo é conhecido como Paraná de Cima, que fica a montante de Óbidos. No Paraná de Cima há três pequenas porções terra, conhecidos como Paraná de Maria Tereza [descrito nos romances de Inglez de Souza como Paranameri – pequeno paraná] que termina na entrada do rio Trombetas; Paraná do Paru, na porção do rio Paru; e o Paraná de Dona Rosa, no rio Amazonas já próximo à cidade de Juruti. Nas suas margens, os moradores costumavam cultivar plantações de cacau em seus sítios. Hoje, na maior parte há o cuidado do gado.

No Paranameri, ou Paraná de Maria Tereza, é onde nos situa o narrador como ponto de reencontro do personagem Miguel com sua mãe e com sua grande paixão, Rita, e também o lugar onde ocorreu o conflito de terra entre ele e o Coronel Ribeiro, descrito no romance *O Cacaulista*. É sobre a ótica do retorno que o narrador intenta-nos apresentar o contraponto de vida cultural do personagem Miguel, vivida em sua infância no Paranameri e os aspectos culturais da cidade adquiridos por ele durante os cinco anos vividos na capital Belém. ‘O Coronel Sangrado’ dá continuidade ao romance *O Cacaulista*. O discurso do narrador de *O Coronel Sangrado* evidencia a vida estranha aos tempos de matutice de Miguel recém-chegado a Óbidos, pois passava o dia envolvido em leituras, sendo estereotipado pelos moradores como homem cidadão, demonstrando desacostume com a vida antes vivida no sítio,

Passava o dia inteiro no quarto a ler. A gente da casa estranhara isto; e o velho capuxo, então, como sempre, acérrimo frequentador da fazenda, dizia resmungando e olhando de esguelha para a porta do quarto de Miguel: - Hum, hum! Que mudança! Já não é o curumim de outro tempo! Agora leva todo o santo dia a ler nos livros como um doutor. (SOUZA, 1968, p. 96).

Isso causava estranheza à sua mãe, seus amigos e a Rita, pois para eles Miguel não era mais o mesmo menino que pescava pirarucus, que caçava e se divertia em meio aos cacauais. Ele voltou de Belém diferente. Diante disso, o narrador evidencia o que realmente se passava na mente conflituosa de Miguel. Na medida em que isso ocorria, o narrador pondera que, mesmo que tenha estado distante de sua terra e vivenciado uma educação urbana refinada, as atitudes de Miguel de certa forma demonstrava que nunca havia se esquecido de costumes e hábitos do Paranameri. Essa ponderação parece justificar que por trás da carapuça da civilidade, Miguel não poderia ter outro caminho senão o de viver sua cultura matuta,



Rita, a liberdade, a vida ampla no sítio os dias bem nutridos, as noites bem gozadas na frescura das redes de linho, está aí o que ele queria, esta aí o que ele no fundo, desejava sempre. Se deixara o Paranameri, fôra para voltar mais apto para gozá-lo; se deixara Rita, fôra para não sofrer o suplício de Tântalo. Agora, porém, não havia mais considerações que o detivessem. O cepticismo, a que não pudera fugir na vida que levava na capital, fazia-lhe pensar que a vida sendo breve, tolo era aquele que não a sabia aproveitar. Queria ser sempre um homem de bem, mas não um mártir dos preconceitos. Era tempo de viver, (SOUZA, 1968, p. 154).

Neste sentido, o narrador apresentar ao leitor um Miguel que mesmo tendo vivido por cinco anos longe de sua terra e assimilado os estereótipos culturais da cidade, ainda possuía “uma natureza selvagem e ardente, de que uma educação civilizadora apenas aparara as pontas, cortara os ângulos bruscos, encobria as exterioridades” (SOUZA, 1968, p. 151), e os trejeitos impregnados de matutice. Esse aspecto destaca quando o personagem deixa de lado convenções políticas e sociais estabelecidas na cidade e decide viver sua liberdade no Paranameri com sua amada Rita, revelando que a revestida camada de civilidade era tênue e passageira.

Que lhe importavam o Coronel Sangrado, a sonsa da Mariquinha, as eleições de Óbidos, tudo? O que ele queria era Rita, era o Paranameri, era o Amazonas vasto, para si, para si só, era a vida tranquila, mas cheia de satisfação de desejos por muito tempo nutridos, e recalcados no fundo do peito. E os seus apetites, uns apetites selvagens, punham-se todos alertas, prontos a devorar, com a gana de um bando de cães esfaimados. Rita, a liberdade, a vida ampla no sítio os dias bem nutridos, as noites bem gozadas na frescura das redes de linho, está aí o que ele queria, esta aí o que ele no fundo, desejava sempre (SOUZA, 1968, p.154).

Sobre a decisão de Miguel, percebe-se que o personagem deixa de lado o que o faz distante de Paranameri e de Rita. Para Miguel a liberdade e a tranquilidade vivida em seu lar de infância e os prazeres que a natureza e Rita ofereciam eram o que de fato sempre desejou. Por isso, sua atitude de viver uma nova vida pouco poderia ser modificada, pois as influências físicas e sociais que Rita e o Paranameri lhe causaram o evocavam ao retorno a suas origens. Para Barreto (2003, p. 142), não há dúvida de que Miguel,

Demonstrava uma propensão tenaz para rejeitar tudo àquilo que era valorizado pela ideologia da civilidade – educação, disciplina, conforto, cargos públicos vida social mais intensa, etc, e resolutamente preferiu a vida de matuto no isolamento e placidez de seu sítio estando poderosamente condicionado pelo ambiente externo em que nasceu, pouco ou nada podendo ele fazer para modificar a influência avassaladora das forças sociais, que conformam suas ações e personalidade.

Vejamos que o narrador afirma que apesar dos tempos vividos na capital, Miguel conservava sua vida no Paranameri e a prevalência memorial sobressaltava em suas atitudes revelando que sua cultura é fundada na matutice, embora a experiência da civilidade lhe tenha abrandado, mas não abolira apesar dos anos vividos em Belém.

### **Eleições em Óbidos: da traição à morte de Coronel Sangrado e o jeito matuto de Miguel como vértice de finalização do romance**

A terceira parte do romance retrata pretenha eleição política em Óbidos nos finais do século XIX e de como barganhas políticas eram feitas, através de desmandos, vantagens e traições. Entre os ordenadores está o tenente Coronel Severino de Paiva que na obra figura como um fiel político do partido conservador, e que

intencionava ver na vereança de Óbidos seu protegido Miguel, rapaz recomendado da capital. Havia em Sangrado dois interesses de fato, o de ver Miguel político, e o de tê-lo como seu genro, pois percebia o amor de sua filha Mariquinha por ele. Assim, o narrador nos apresenta uma dinâmica política e social comum no interior da Amazônia onde os enlaces matrimoniais se constituíam através de alianças políticas. Na obra observa-se que as alianças políticas e sociais que Sangrado estabeleceu, por meio de seu plano de fazer Miguel vereador e genro, era um cenário para legitimar no mandato de Miguel o seu poder político, social e econômico em Óbidos.

Martins (1996, p. 19) aponta que “a obra de Inglez de Souza é, pois, um romance político e social por excelência”. Além dos aspectos de sociabilidade, o romance também retrata aspectos políticos, focados na agitação decorrente da disputa eleitoral em Óbidos, entre partidos conservadores e liberais. Sobre esse ponto, o narrador traça um perfil político-partidário do município, detalhando com nitidez o emaranhado das disputas eleitorais. Ele destaca armações, dissimulações e barganhas que constituíam esse tipo de processo no interior amazônico. Não seria esse cenário profético das atividades políticas brasileiras nos tempos atuais?

Segundo o narrador, o Coronel Sangrado era sujeito ardiloso em meio à corrida eleitoral. Comunicava-se com políticos das vizinhanças, pedindo apoio, pois conhecia as artimanhas políticas e como obter vantagens do processo. Pedia aos amigos políticos apoio a sua campanha e a forma de benefícios que pudesse adquirir. Conhecia como se articular com cada um, pois acreditava que em se tratando de política uma “mão lava a outra” (SOUZA, 1968, p. 82).

A obra o Coronel Sangrado retrata nesse ponto o cotidiano de uma típica eleição no interior da Amazônia em que o voto se constituía em troca de favores entre os coronéis e o povo. Ressalta Maria Isaura Pereira de Queiroz (1978) que o processo eleitoral não se compunha exclusivamente na escolha dos candidatos mais preparados, mas se perfazia dos benefícios

individuais que este poderia trazer. Nesse sentido, segundo a autora, o indivíduo oferecia seu voto em troca de benefício ou por que esperava ganhá-lo, ou seja, votar em um candidato recomendado por um coronel não era somente acolher a vontade deste; era também dar seu voto a um chefe influente, do qual ou se havia conseguido algum favor ou se esperava conseguir algo. Dos trunfos utilizados pelos políticos conservadores e liberais estavam as promessas e coações.

Ao boticário, embora não fosse influência política, mais como tinha muitas relações, prometeu-lhe a freguesia por todo o resto da sua vida e pela dos seus filhos e netos; ao capitão Matias acenava baixinho com o lugar de secretário da câmara, que dava cem mil réis por mês; ao mestre escola prometeu muitos discípulos e ajuda-lo a por um colégio, depois que aposentasse; o coronel não se esqueceu de pessoa alguma; correu os amigos e conhecidos, desde os mais altamente colocados até os ínfimos da escala social; àqueles pedia, invocando a antiga amizade ou prometendo mundo e fundos ou ainda lembrando-lhes que poderia abandoná-los para todo o sempre e até passar para os liberais., se não o atendessem, a estes ameaçava com o recrutamento e guarda nacional ou com algum processo interminável. (SOUZA, 1968, p. 85).

Após a eleição, o Coronel Sangrado, crente de sua conquista, retorna a sua casa, vangloriando de que todos haviam obedecido a seus mandos. Há notadamente, porém, no discurso do narrador certo deboche em relação às expressões ditas pelo coronel, pois este já acreditava em sua vitória eleitoral. O narrador expõe que “toda a Óbidos pertencia-lhe, desafiava-o e por pouco não desafiava o mundo” (SOUZA, 1968, p. 162). O narrador também ironiza o fato da cidade de Óbidos ser mais astuta do que o poder do Coronel Sangrado, ou seria Antonio Batista mais astuto que Sangrado? Nesse caso, parece-nos plausível apontar que embora Sangrado tenha se utilizado de seu aparato no jogo político, ele talvez seja inocente ou despreparado para

artimanhas políticas. Afinal, fora a primeira vez que tentara voo político por conta própria.

Sangrado expressa seu sentimento de confiança frágil em Miguel, ao dizer que ele havia “de estar pulando de contente, o criança! Mas por onde anda ele? Ah provavelmente lá está ainda na igreja querendo ver a coisa até o fim”. (SOUZA, 1968, p.164). Sangrado não imaginava que Miguel sabia da traição política de Antonio Batista, mas preferiu não contá-lo, o que também seria traição ao Coronel. Sangrado, permaneceu autêntico, mas traído por seus “amigos” políticos, e letalmente golpeado, “Mal chegou ao ultimo nome dos vereados suplentes, deixou cair a lista, e voltando-se para o capitão Matias, num acesso de verdadeira fúria, bradou-lhe de punhos cerrados e semblante contraído:- Canalha! E caiu redondamente no chão”. (SOUZA, 1968, p.166).

A derrota política de Sangrado e a descoberta da atitude omissa de Miguel diante da traição forçaram o rompimento entre os dois e o desfazimento da promessa de casamento de Miguel e Mariquinha. Ao final, o desfecho do romance é surpreendente. No mesmo período, ocorre a morte do esposo de Rita, que abre caminho para finalmente Miguel casar com sua antiga paixão. E finalmente a morte do Coronel Sangrado, recluso em casa aos cuidados de Mariquinha. Segundo Pereira (1957, p.163) “o coronel morre menos de doença do que da derrota nas eleições, e de saber que o moço a quem deseja para genro se casaria com a filha do rival”.

### Considerações finais

Há diversas formas de expressão da paisagem e das peculiaridades socioculturais da Amazônia. Desde há mais de cem anos, a Amazônia é registrada sob essa perspectiva. O escrito de Inglez de Souza apresentado aqui é um exemplo entre as mais variadas formas de se falar da Amazônia. Além do regionalismo ficcional, há crônicas, textos historiográficos e poe-

sias, além de histórias míticas e lendárias. Neles encontramos o ambiente, os tipos humanos e os costumes sociais regionais, que são elementos fundamentais numa escrita literária, e não se esperaria algo diferente de um escrito regional. No caso da literatura brasileira de expressão amazônida, o que diferencia é a produção literária feita na e a partir da floresta. Ela demonstra mais do que exigência estética, pois possui necessidade social de atrelar a arte à história para falar de espaço sociocultural, do qual os próprios escritores fazem parte.

Nisto, a narrativa de Inglez de Souza é um provocador instigante e nos convida a reflexões epistemológicas e estéticas interessantes. As culturas travestidas de civilidade e de matutice nos levam a compreender que a obra de Souza pode ser vista como lugar de debate do jeito cultural matuto de ser da Amazônia, por meio de diálogos e conflitos, com o jeito civilizado de ser na Amazônia. Nesse caso, para que nossa investigação ganhasse corpo foi primordial investir no debate teórico do objeto de estudo [ato epistemológico] e experienciar [gesto estético] a narrativa em sua plenitude interna.

Percebemos, no decorrer do processo, que a escrita de Souza, existente na obra *O Coronel Sangrado*, depõe-nos sobre uma cultura amazônida, formada e constituída no meio da floresta, não menos e não mais superior que outras, mas una e diversa. Neste caso, o romance, enquanto objeto de um estudo epistemológico do romance, tornou-se fundamental para alcançarmos nossos objetivos, entre eles, o de encontrar no texto investigado cognições que pudessem preencher nosso anseio de entender o que ocorria na Amazônia do século XIX em termos de sociais e culturais.

Neste sentido, a epistemologia do romance nos forneceu possibilidades de conhecimento da cultura amazônida. Ela nos provoca a entender o que de fato Inglez de Souza propôs ao escrever ‘*O Coronel Sangrado*’. Contudo, a empreitada somente se tornou fato porque ao utilizarmos dos instrumentos didáticos da epistemologia do romance conseguimos depreender que o eixo que serve de episteme invariante e atravessa-

sa o texto investigado é de fato a cultura entre civilidade e matutice. Aceitar a racionalidade lógica no romance ingleziano é permitir que sua obra não seja vista apenas como produto de suas sensações, embora ele o tenha feito a partir de um gesto estético valoroso. Mas também produto do pensamento narrativo crítico sobre a intimidade sociocultural de um povo que apresentar o jeito simples e matuto do interior da Amazônia, condição para se entender a vida em meio a florestas e rios.

Ao tecer uma engenharia literária singular e inovadora – fora o primeiro a arriscar romancear de maneira realista e naturalista a vida na sua regionalidade –, na obra ‘O Coronel Sangrado’, Inglez de Souza nos apresenta os elementos fundamentais que servem como pavimento para análise do jeito amazônida de ser e viver, e numa dimensão ampla, para se penetrar no imaginário território amazônida, torrão que em pleno século XXI ainda carece de desencanto, para que dali se produza entendimentos sensíveis sobre a *condição amazônida de uma época*, como provocação às sociedades não amazônidas.

## Referências

- BARRETO, M. V. *O romance da Vida Amazônica: Uma leitura Socioantropológica da Obra de Inglês de Souza*. São Paulo: Letras à Margem, 2003.
- BARROSO, W. *Elementos para uma Epistemologia do Romance*. Em: Colóquio: Filosofia e Literatura. São Leopoldo: Unisinos, 2003.
- BATES, H. *Um naturalista no Rio Amazonas*. Coleção Reconquista do Brasil, Vol. 53. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1979.
- HALL, S. *A identidade cultural na Pós-modernidade*. Tradução de Guacira Louro e Tomaz Tadeu. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- LOUREIRO, J. J. P. *Cultura amazônica: uma poética do imaginário*. Belém: Cejup, 1995.
- KUNDERA, M. *A Arte do Romance*. São Paulo: Nova Fronteira, 1988.
- MARQUES, V. R. B. *Natureza em boiões: medicina e boticários no Brasil setecentista*. Campinas: Unicamp, 1999.
- MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. Vol. IV (1877-1896), 2ª ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1996.
- MORAES, J. *Cidade e Cultura Urbana na Primeira República*. Em: Maria Prado e Maria Capelato (coord), *Discutindo a História do Brasil*, 3º ed. São Paulo: Atual, 1994.
- PAULA, H. *A medicina dos Médicos e a Outra*. Montes Claros: Imprensa Universitária, 1982.
- PAULINO, I. R. *A Amazônia entre Culturas, Identidades e Memórias*. Em: LIMA, Rogério e MAGALHÃES, Maria da Glória (orgs). *Culturas e Imaginários: Deslocamentos, Interações e Superposições*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017.
- \_\_\_\_\_. *Entre a Criação Literária e o Conhecimento: Aproximações Epistemológicas e Estéticas na Obra de Hermann Broch e as Três Faces da Degradação dos Valores Humanos*. Brasília: UnB, 2014. Tese de Doutorado, 180p.
- \_\_\_\_\_. *Um Olhar sobre a Degradação dos Valores Humanos a partir da obra Os Sonâmbulos, de Hermann Broch*. Brasília: UnB, 2006. Dissertação de Mestrado, 127p.
- PAULINO, I. R.; FIUZA, A. A. F.; PAULA, F. S. *A leitura de ‘O Coronel Sangrado’ e um mergulho na Amazônia de Inglês de Souza: uma proposta epistemológica do romance*. Em: Línguas & Letras, [S. l.], v. 21, n. 51, p. <http://dx.doi.org/10.5935/1981-4755.20200025>, 2021. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/24695>.

QUEIROZ, M. I. P.. *Cultura, Sociedade Rural, Sociedade Urbana no Brasil*. Rio de Janeiro: Edusp, 1978.

PIERUCCI, A. F. *Ciladas da Diferença*. São Paulo: 34, 1999.

RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia de Letras, 2011.

RODRIGUES, C. I. *Caboclos na Amazônia: a identidade na diferença*. Em: *Novos Cadernos NAEA* v. 9, n. 1, p. 119-130, jun. 2006. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/3207/1/>

Artigo\_CaboclosAmazoniSOUZAaIdentidade.pdf

SIMONIAN, L. T. L. *Saber Local, Biodiversidade e Populações Tradicionais: perspectivas analíticas, limites e potencial*. Em: *Anais: Saber Local/Interesse Global: propriedade intelectual, biodiversidade e conhecimento tradicional na Amazônia*. Belém-PA: CESUPA/MPRG, 2005.

SOUZA, H. M. I. *O Cacauleta. Coleção Cenas da Vida do Amazonas*. Belém: UFPA, 1973.

\_\_\_\_\_. *O Coronel Sangrado. Coleção Cenas da Vida do Amazonas*. Belém: UFPA, 1968.

TYLOR, E. B. *Primitive culture: researches into the development of mythology, philosophy, religion, art, and custom*. 2 vols. London: John Murray, 1871.

WALLACE, A. R. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*. Notas de Basílio de Magalhães. Brasília, Senado Federal, 2004. [A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro: and observations on the climate, geology, and natural history of the Amazon valley. London (GB); New York (USA); Melbourne (AUS): Ward, Lock, 1889.

## COMO CITAR

NEVES, F. S. de P.; PAULINO, I. R. A Epistemologia do Romance “O Coronel Sangrado”, de Inglez de Souza: uma narrativa da vida cultural amazônica. *Revista Cerrados*, 32(63), pp. 85-97. 2023. <https://doi.org/10.26512/cerrados.v32i63.48261>